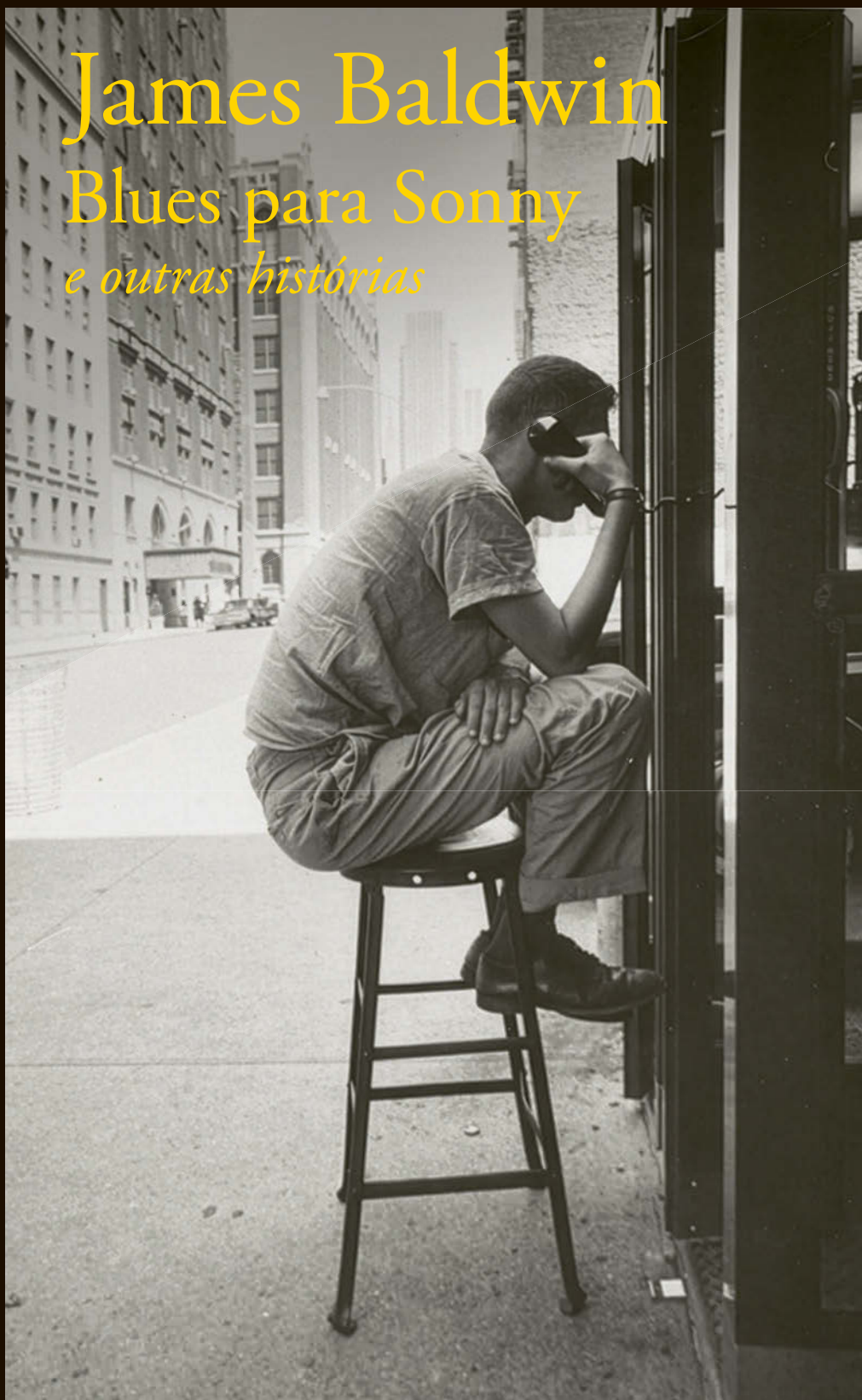


ALFAGUARA



James Baldwin

Blues para Sonny *e outras histórias*



Tradução de Eugénia Antunes

Do outro lado da rua, num terreno baldio em frente à casa e entalado entre duas outras, erguia-se o penedo. Era estranho encontrar ali aquela formação rochosa natural a emergir do solo; e alguém — provavelmente a tia Florence — lhes dissera certa vez que o penedo estava ali e não podia ser removido porque, sem ele, as carruagens do metro descarrilariam, e seria a morte de toda a gente. Esta explicação, enraizada num qualquer mistério natural relacionado com a superfície e o centro da terra, parecia demasiado formidável para ser posta em causa, e, além disso, conferia ao penedo uma importância tão misteriosa que Roy sentia que tinha o direito, se não mesmo o dever, de ali brincar.

Todas as tardes, depois das aulas, e o dia inteiro aos sábados e domingos, viam-se ali outros rapazes. Lutavam em cima do penedo. Com passos firmes, temerários e imprudentes, arremessavam-se uns contra os outros e engalfinhavam-se nas alturas, desaparecendo às vezes do outro lado, mergulhando de cabeça, num turbilhão de gritos e poeira. «É um milagre que não se matem», dizia a mãe, ao observá-los às vezes da escada de incêndio. «Quero-vos longe dali, meninos, estão-me a ouvir?» Embora dissesse «meninos», o seu olhar fixava-se em Roy, sentado ao lado de John na escada de incêndio. «Deus sabe», continuava ela,

«que não vos quero ver chegar a casa todos os dias a sangrar que nem porcos.» Roy mexia-se, impaciente, e mantinha os olhos cravados na rua, como se, de alguma maneira, tal olhar lhe concedesse asas. John nada dizia. Na verdade, aquelas palavras não lhe eram destinadas: temia o penedo e os rapazes que neles brincavam.

Ao sábado de manhã, John e Roy sentavam-se na escada de incêndio a observar, lá em baixo, a rua proibida. Por vezes, a mãe sentava-se no quarto, atrás deles, a costurar, a vestir a irmã mais nova ou a dar de mamar ao bebé, Paul. O sol tombava sobre eles e sobre a escada de incêndio com uma benevolência indiferente e altiva; na rua passavam homens e mulheres, rapazes e raparigas — pecadores, todos eles; às vezes, um membro da congregação via-os e acenava-lhes. Então, quando devolviam o cumprimento, com o devido decoro, sentiam-se intimidados. Observavam o santo, fosse ele homem ou mulher, até ele ou ela desaparecerem de vista. A passagem de um dos redimidos fazia-os tomar vagamente consciência da perversidade da rua, da sua própria perversidade por ali estarem sentados; e também os fazia pensar no pai, que ao sábado chegava mais cedo a casa e que não tardaria a dobrar a esquina, entrando no vestíbulo escuro, por baixo deles.

Mas até que ele chegasse e pusesse fim à sua liberdade, ali permaneciam sentados, contemplando a rua com nostalgia. Numa das suas extremidades, a que ficava mais perto da casa, via-se a ponte que cruzava o rio Harlem e conduzia a uma cidade chamada Bronx, onde vivia a tia Florence. Não obstante, quando a viam chegar, ela nunca vinha do lado da ponte, mas antes do extremo oposto da rua. A tia explicava-lhes, de forma pouco convincente, a seu ver, que apanhara o metro por não querer vir a pé, e que,

além disso, não vivia *naquela* zona do Bronx. Sabendo que o Bronx ficava do outro lado do rio, nunca acreditaram nela, mas, adotando a mesma atitude do pai, presumiam que a tia acabara de vir de um lugar pecaminoso que não se atrevia a nomear, como, por exemplo, o cinema.

No verão, os rapazes nadavam no rio. Lançavam-se à água do pontão de madeira ou vadeavam a partir da margem coberta de lixo. Certa vez, um rapaz chamado Richard afogou-se no rio. A mãe não sabia onde ele estava e chegara a bater-lhes à porta, a perguntar se estaria ali. Então, ao fim da tarde, por volta das seis horas, ouviram uma mulher na rua, em pranto e aos gritos, e correram para as janelas a ver o que se passava. A mulher, a mãe de Richard, subia a rua aos gritos, com a cara levantada para o céu, debulhada em lágrimas. Ao lado dela caminhava outra mulher, tentando em vão acalmá-la e ampará-la. Atrás delas vinha um homem, o pai de Richard, com o corpo do rapaz nos braços. Pela valeta caminhavam dois policiais brancos que pareciam não saber o que fazer. O pai de Richard e Richard estavam encharcados. Nos braços do pai, o corpo de Richard parecia um boneco de trapos. Os gritos da mulher enchiam a rua; os carros abrandavam para ver a cena; as pessoas corriam à janela e precipitavam-se porta fora, detendo-se a observar, na berma da estrada. Depois o pequeno cortejo desapareceu no interior da casa ao lado do penedo. «Meu Deus, meu Deus, meu Deus!», gritou Elizabeth, a mãe deles, e fechou a janela com estrondo.

Um sábado, uma hora antes de o pai chegar a casa, Roy magoou-se no penedo e levaram-no para cima aos gritos. John e ele estavam sentados na escada de incêndio e a mãe tomava chá na cozinha com a irmã McCandless. Aos poucos, Roy, sentado em silêncio ao lado do irmão,

começara a aborrecer-se e a impacientar-se; John desenhava no caderno da escola um anúncio de jornal a uma nova locomotiva elétrica. Uns amigos de Roy passaram por baixo da escada de incêndio e chamaram-no. Roy impacientou-se ainda mais e respondeu-lhes por entre as grades. Então, fez-se silêncio. John levantou os olhos e deu com Roy de pé, a olhá-lo de volta.

— Vou lá abaixo — disse ele.

— É melhor ficares onde estás. Sabes que a mãe não te quer lá em baixo.

— Volto *já*. Ela nem dará por isso, a menos que vás a correr contar-lhe.

— Não *preciso* de contar nada. Que a impede de vir à janela olhar lá para baixo?

— Está à conversa — alegou Roy.

Entrou em casa.

— Mas o pai não tarda está em casa!

— Volto antes *disso*. Do que é que tens sempre tanto *medo*? — Já dentro de casa, deu meia-volta e assomou-se à janela para afiançar com impaciência: — Volto em *cinco* minutos.

Ressentido, John viu-o destrancar a porta com todo o cuidado e desaparecer. Pouco depois, ele surgia no passeio com os amigos. John não se atreveu a ir dizer à mãe que Roy saíra, já que, tacitamente, prometera não o fazer. Gritou: «Lembra-te que disseste cinco minutos!», mas um dos amigos de Roy olhou na sua direção. John fixou o olhar no caderno, concentrando-se de novo no problema da locomotiva.

Quando tornou a levantar a cabeça, não sabia quanto tempo passara, mas entretanto estalara uma briga em cima do penedo. Dezenas de rapazes lutavam sob o sol

impenitente: trepavam o penedo, engalfinhavam-se, os sapatos coçados derrapavam na pedra escorregadia, e o ar luminoso enchia-se de impropérios e gritos jubilantes, e também de armas voadoras: pedras, paus, latas, detritos, tudo o que pudessem arrebanhar e lançar. John observou a cena com um assombro distante... até que se lembrou de que Roy não voltara, e de que era um daqueles rapazes no penedo. Encheu-se então de medo; não conseguia destrinçar o irmão entre as silhuetas recortadas pelo sol; levantou-se e inclinou-se sobre a balaustrada da escada de incêndio. Roy surgiu então do outro lado do penedo; John viu que tinha a camisa rasgada; ria-se. Trepou até ao cimo do penedo e, nesse momento, um objeto — uma lata vazia — voou pelo ar e acertou-lhe na testa, mesmo por cima do olho. De imediato, aquele lado da cara de Roy cobriu-se de sangue; ele caiu e rebolou penedo abaixo. Por um momento, tudo se imobilizou: nem um som, nem um movimento; o sol, estático, incidia sobre a rua, sobre o passeio, sobre os rapazes imóveis. Depois, alguém gritou; os rapazes puseram-se em fuga, rua abaixo, em direção à ponte. Tendo recuperado o fôlego e constatado que sangrava, o rapaz estendido no chão desatou aos gritos. John chamou pela mãe e correu para dentro.

— Não se alarme, não se alarme — arfava a irmã McCandless, enquanto desciam ambas apressadas as escadas estreitas, sinuosas e escuras. — Não se alarme. Ainda está para nascer o rapaz que não caia e se magoe de vez em quando. *Santo Deus!* — Saíram para a rua ensolarada. Um homem trazia Roy ao colo e caminhava para elas sem pressa. Nos degraus dos prédios vizinhos, um ou dois rapazes estavam sentados em silêncio; em cada ponta da rua um grupo de rapazes observava.

— Não se magoou muito — disse o homem. — Não faria este berreiro se estivesse muito mal.

A tremer, Elizabeth estendeu os braços para pegar em Roy, mas a irmã McCandless, mais corpulenta e mais calma, tomou-o nos braços e atirou-o sobre o ombro, como em tempos teria feito com uma saca de algodão.

— Deus o abençoe — disse ela ao homem —, Deus o abençoe, meu filho.

Roy continuava aos gritos. Elizabeth posicionou-se atrás da irmã McCandless para contemplar o rosto ensanguentado do filho.

— É só uma ferida superficial — repetiu o homem —, um corte, mais nada. — Avançavam pelo passeio, rumo a casa. John, que naquele momento não temia os rapazes que observavam a cena, deitou uma vista de olhos à esquina para ver se o pai já lá vinha.

Em casa, apaziguados os gritos de Roy, lavaram-lhe o sangue da cara e descobriram, mesmo por cima da sobran-celha esquerda, a ferida superficial e denticulada.

— Valha-me Deus — murmurou Elizabeth —, mais um bocadinho e apanhava-lhe o olho. — E deitou um olhar apreensivo ao relógio.

— É bem verdade — disse a irmã McCandless, atarefada com as compressas e a tintura de iodo.

— Quando é que ele foi lá para baixo? — perguntou a mãe, por fim.

A irmã McCandless, sentada na poltrona à cabeceira do sofá onde Roy jazia, entretanto calado e com a cabeça enfaixada, abanava-se com um leque. Deteve-se um momento para lançar um olhar ríspido a John, de pé perto da janela, com o anúncio de jornal na mão e o desenho que fizera.

— Estávamos na escada de incêndio — respondeu ele.
— Uns amigos dele chamaram-no.

— Quando?

— Ele disse que voltava em cinco minutos.

— Porque não me disseste que ele tinha ido lá abaixo?

John fitou as mãos, agarradas ao caderno, e não disse nada.

— Não ouves a tua mãe falar contigo, rapaz? — disse a irmã McCandless.

John olhou para a mãe. Tornou:

— Ele disse que voltava em cinco minutos.

— Ele disse que voltava em cinco minutos — repetiu a irmã McCandless, com desdém — não me parece a resposta certa. És o homem da casa, devias olhar pelos teus irmãos e irmãs mais novos... não devias deixá-los andarem à solta até quase se matarem. Mas imagino — acrescentou ela, levantando-se da poltrona e largando o leque de cartolina — que o teu pai te fará dizer a verdade. A tua mãe é demasiado branda contigo.

John não olhou para ela, mas para o leque, inerte no assento vermelho e afundado que a irmã ocupara. O leque publicitava brilhantina para o cabelo e mostrava uma mulher mulata e o seu bebé, ambos com o cabelo cintilante, sorrindo felizes um para o outro.

— Querida — disse a irmã McCandless —, tenho de ir andando. Talvez passe por cá mais logo. Imagino que não vá à igreja, logo à noite?

Aos sábados à noite, na igreja, havia uma reunião para orações destinadas a fortalecer os crentes e a preparar a igreja para a vinda do Espírito Santo, no domingo.

— Julgo que não — respondeu Elizabeth. Levantou-se; as duas mulheres beijaram-se na face. — Mas não se esqueça de me incluir nas suas preces.

— Não esquecerei. — Deteve-se com a mão na maçaneta da porta, olhou para Roy e deu uma risada. — Pobrezito... Imagino que, depois *desta*, se contentará em ficar quietinho na escada de incêndio.

Elizabeth riu-se também.

— De certeza que lhe servirá de lição. Não lhe parece — perguntou, ainda a sorrir, mas com um tom inquieto — que vá ficar com uma cicatriz, pois não?

— Credo, não — disse a irmã McCandless —, isso não passa de um arranhão. Palavra de honra, irmã Grimes, a senhora é pior que uma criança. Mais umas semanas e nem dará para ver o golpe. Vá, continue lá com as suas tarefas, querida, e dê graças a Deus que não tenha sido pior. — Abriu a porta; ouviram o som de passos nas escadas. — Deve ser o reverendo — aventou placidamente a irmã McCandless. — *Aposto* que vai armar uma zaragata.

— Talvez seja a Florence — contrapôs Elizabeth. — Às vezes vem por esta hora. — Mantiveram-se na soleira da porta, à escuta. Os passos chegaram ao patamar inferior e retomaram a subida. — Não — concluiu então Elizabeth —, não são os passos dela. É o Gabriel.

— Bem, vou descendo, e preparo-o um pouco — disse a irmã McCandless. Deu um pequeno apertão na mão de Elizabeth, saiu para o patamar e deixou a porta entreaberta.

Sem pressa, Elizabeth voltou à sala. Roy não abriu os olhos, nem se mexeu, mas Elizabeth sabia que ele não estava a dormir; pretendia adiar o mais que pudesse o encontro com o pai. John pousou o jornal e o caderno na mesa, levantou-se e, inclinado sobre o tampo, fitou a mãe.

— A culpa não foi minha — disse ele. — Não o consegui impedir de ir lá abaixo.

— Eu sei que não — concordou ela —, não tens por que te preocupar. Basta dizeres a verdade ao teu pai.

John olhou-a nos olhos e Elizabeth virou-se para a janela e contemplou a rua. Que estaria a irmã McCandless a dizer? Então, ouviu Delilah choramingar no quarto e virou-se, de testa franzida. Olhou para o quarto e depois para a porta da rua, ainda entreaberta. Sabia que John a observava. Delilah continuou a chorar; «Aquela rapariga já não tem idade para isto», pensou, zangada, mas receou que Delilah acordasse Paul e correu para o quarto. Tentou apaziguar Delilah e voltar a adormecê-la. Depois, ouviu a porta da rua abrir-se e fechar-se com demasiada força, Delilah chorou mais alto e, com um suspiro exasperado, Elizabeth pegou na filha. Sua filha e de Gabriel; os seus filhos e de Gabriel: Roy, Delilah, Paul. Só John não tinha nome e era um estranho, um testemunho vivo e imutável do tempo em que a mãe vivera em pecado.

— Que se passou? — quis saber Gabriel, enorme, parado no meio da sala, com a marmita a pender da mão e o olhar fixo no sofá, onde Roy se fingia adormecido. John, diante de Gabriel, parecia, espantosamente, de onde Elizabeth se encontrava, estar sob o seu punho, sob o seu pesado sapato. O rapaz olhava-o com um misto de fascínio e de terror; em criança, no Sul, ela vira coelhos igualmente paralisados diante de cães que ladravam. Elizabeth passou por Gabriel com passo apressado, rumo ao sofá, sentindo o peso de Delilah nos braços como o peso de um escudo, e estacou junto a Roy, dizendo:

— Não há razão para te zangares, Gabriel. O rapaz escapuliu-se, aproveitando que eu estava de costas, e aleijou-se. Já está tudo bem.

Roy, como que para confirmar a informação, abriu então os olhos e olhou para o pai com um ar solene.

Gabriel largou a marmita com um baque e ajoelhou-se diante do sofá.

— Como te sentes, filho? Conta ao papá o que aconteceu.

Roy abriu a boca para responder, mas, tomado pelo pânico, desatou a chorar. O pai segurou-o pelos ombros.

— Não chores, vá. És o meu homenzinho, então. Conta ao pai o que aconteceu.

— Foi lá abaixo à rua — interveio Elizabeth —, onde não tinha nada que ir, e meteu-se numa briga com aqueles miúdos vadios que brincam no penedo. Foi isso que aconteceu, e demos graças a Deus que não tenha sido pior.

Gabriel olhou para ela.

— Não podias deixar o rapaz responder por ele mesmo?

Elizabeth ignorou-o e continuou, com um tom mais brando:

— Ficou com um golpe na testa, mas não é nada de cuidado.

— Chamaste um médico? Como sabes que não é nada de cuidado?

— Agora temos dinheiro para desperdiçar em médicos, é? Não, não chamei nenhum médico. Tenho olhos na cara para perceber se uma ferida é grave ou não. Foi mais um susto que outra coisa, e devias era pedir a Deus que isto lhe servisse de lição.

— Falas muito *agora* — respondeu ele —, mas daqui a pouco quem vai falar sou *eu*. Vou querer saber quando é que tudo isto aconteceu, e o que estavas a fazer com esses olhos que tens na cara. — Virou-se de novo para Roy, que se mantivera deitado e quieto, de olhos abertos e lacrimejantes e o corpo rígido, e que, ao sentir o toque do pai, recordou a altura do penedo, cortante e escorregadio

sob os seus pés, o sol, a intensidade do sol, o mergulho na escuridão e o gosto salgado do sangue; encolheu-se e desatou aos gritos quando o pai lhe tocou na testa. — Não te mexas, não te mexas — cantarolou o pai, com a mão a tremer —, não te mexas. Não chores. O pai não te vai magoar, só quer ver este penso para saber o que fizeram ao seu homenzinho. — Mas Roy continuou aos gritos e não parava quieto e Gabriel não se atreveu a levantar o penso com medo de o magoar ainda mais. Olhou para Elizabeth, furioso: — Não podes pousar a miúda e dar-me uma ajuda? John, pega na tua irmã... Parece que nenhum de vocês tem dois dedos de testa.

John pegou em Delilah e sentou-se na poltrona. A mãe inclinou-se sobre Roy e segurou-o, enquanto o pai, com cuidado — e mesmo assim Roy gritava —, lhe levantava o penso e observava a ferida. Os soluços de Roy abrandaram. Gabriel compôs o penso.

— Como vês — disse Elizabeth, por fim —, está longe de ser um ferimento mortal.

— Por certo que não é graças a ti que ele não está morto. — Elizabeth e Gabriel mediram-se por um momento, em silêncio. — Por pouco não perdeu um olho. É claro que os olhos dele não são os teus, portanto, imagino que para ti não seja muito importante. — Perante aquilo, a expressão de Elizabeth endureceu; Gabriel sorriu. — Deus me dê paciência — disse ele. — Achas que alguma vez aprenderás a fazer as coisas como deve ser? Onde estavas quando isto tudo aconteceu? Quem é que o deixou ir lá abaixo?

— Ninguém o deixou ir, ele saiu e pronto. É teimoso como o pai, mais depressa quebra do que dobra. Eu estava na cozinha.

— Onde estava o Johnnie?

— Estava aqui.

— Onde?

— Na escada de incêndio.

— Sabia que o Roy tinha ido lá abaixo?

— Acho que sim.

— Achas que sim? Para alguma coisa ele tem os teus olhos, não é? — Olhou de esguelha para John. — Rapaz, viste o teu irmão ir lá abaixo?

— Gabriel, não faz sentido querer deitar as culpas ao Johnnie. Sabes muito bem que, se tu próprio tens dificuldade em controlar o Roy, não é ao irmão que ele vai obedecer. Ele mal me obedece a mim.

— Porque não disseste à tua mãe que o Roy tinha ido lá abaixo?

De olhos fixos no cobertor que envolvia Delilah, John não respondeu.

— Ouviste o que eu disse, rapaz? Queres levar com o cinto?

— Não — disse ela. — Não vais bater no rapaz. Hoje, não. O único culpado pelo que aconteceu ao Roy és tu... tu, porque o estragaste com mimos de tal maneira que ele acha que pode fazer o que bem entender. Deixa que te diga que isso não é maneira de educar uma criança. Se não pedires ao Senhor que te ajude a fazer melhor do que tens feito, chorarás lágrimas amargas por Ele não ter querido levar-lhe a alma hoje. — Elizabeth tremia. Abeirou-se cegamente de John e tirou-lhe Delilah dos braços. Olhou de novo para Gabriel, que se levantara e a fitava. E no rosto dele descobriu não apenas raiva, o que não a teria espantado, mas um ódio tão profundo que se tornava insuportável na sua ausência de humanidade. Os seus olhos ardiam, fixos, cegos de malevolência, e ela sentiu, como a atração

da terra sob os pés, o desejo dele de assistir à sua perdição. Uma vez mais, numa espécie de expiação, ajeitou a criança nos braços. Perante isto, os olhos dele mudaram, olhou para Elizabeth, a mãe dos seus filhos, a companheira que o Senhor lhe dera. Os olhos dela toldaram-se então; fez menção de abandonar a sala; deu uma topada na marmitta, pousada no chão.

— John — disse ela —, sê um bom menino e apanha a marmitta do teu pai.

Nas suas costas, ouviu o movimento apressado do filho ao levantar-se da poltrona, o tinido da marmitta quando ele lhe pegou, curvando a cabeça negra junto à biqueira do pesado sapato do pai.

O melhor de Baldwin está aqui — narrativas breves que encapsulam vidas destruídas pela violência do racismo.

«Uns fugiam à armadilha, a maioria não. Os que conseguiam escapar deixavam sempre uma parte deles para trás, da mesma maneira que alguns animais amputam uma perna e a deixam na armadilha. Poderia dizer-se, porventura, que eu conseguira escapar, era professor num liceu, afinal de contas; ou que Sonny também escapara, dado que há vários anos não vivia no Harlem. No entanto, enquanto o táxi rumava à Alta da cidade, [...] ocorreu-me que o que ambos procurávamos, cada um a olhar pela sua janela, era aquela parte de nós mesmos que ficara para trás.»

Sonny e o irmão cresceram no Harlem e viveram na pele a desesperança e o sufoco da discriminação. Sonny encontra nos *blues* a salvação possível, o irmão opta por uma vida certinha, como professor de liceu. Depois de muitos anos separados, é a tragédia que provoca o reencontro, e o irmão mais velho cumpre finalmente a promessa que fizera à mãe de proteger sempre o mais novo. É também na música que os reclusos de uma penitenciária do Sul procuram a força para resistir à brutalidade sistémica. Esmagados pela violência, cantam sem parar para sublimar a dor. É o que fazem sempre os protagonistas destas histórias marcantes, homens e mulheres que compreendem que não há como evitar a desgraça «que nunca cessa». Todos, à sua maneira, tentam manter a cabeça à tona.

Assombroso e contundente na sua ilustração do beco sem saída do racismo, este volume é uma autópsia da democracia americana, um grito de lucidez sobre o que é ser-se negro na América, e as feridas subtis, mas profundas, que a discriminação grava na pele de vítimas e executores.



«Poucos autores usaram as palavras com semelhante paixão.»

The Guardian

«Baldwin, o pensador de expressão cortante, perturbadora, perfeita.
A sua lucidez chega a doer na pele.»

VALTER HUGO MÂE, *Jornal de Notícias*



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

f alfaguaraeditora

@penguinlivros

ISBN: 978-989-589-444-4



9 789895 894444